

MOURINHO

Anatomia de Um Vencedor

PATRICK BARCLAY

Tradução de Aurélio Moreira

PÚBLICO - Comunicação Social, SA

Rua Viriato, 13
1069-315 Lisboa
Telefone: (+351) 210 111 000

Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto
Telefone: (+351) 226 151 000

Mail: publico.liv@publico.pt

Título da edição original
Mourinho Anatomy of a Winner
Copyright © Patrick Barclay 2005

Os direitos de edição em língua portuguesa foram acordados
com Patrick Barclay c/o Luxton Harris Limited.

Tradução: Aurélio Moreira
Revisão: Ricardo Neves
Paginação: Jorge Guimarães
Foto da capa: Reuters/Ian Hodgson
Foto da contracapa: Reuters/Mike Finn-Kelcey
Pré-impressão: PÚBLICO - Comunicação Social, SA

1ª Edição, Maio 2006
Impressão: Tipografia Peres
Depósito Legal: 240 758/06
ISBN: 989-619-042-9

Reservados todos os direitos.

www.publico.pt

Índice

Agradecimentos VII

PRIMEIRA PARTE Bem-vindo à Inglaterra

Ele faz o que diz na lata 3
De uma regularidade maravilhosa 16
O inimigo do futebol 37

SEGUNDA PARTE Os anos de formação

Nascido no futebol 59
“Hello, Mister, I’m José Mourinho” 76
Um bocadinho de arrogância 90
Prejuízo do Benfica é lucro do FC Porto 95

TERCEIRA PARTE

José quem?

Os três bonés	113
Seleccionar	126
Treinar	138
Gerir recursos	147
Jogo psicológico: o quarto boné?	162

QUARTA PARTE

Por trás da máscara

Sem sentido de humor?	
Está a brincar comigo...	171
Uma classe diferente	183
O que virá a seguir?	191
Índice Remissivo	203

Agradecimentos

Diz muito a favor de José Mourinho o facto de ninguém com quem eu falei durante a recolha de elementos para este livro – de gigantes do mundo do futebol, tais como Sir Bobby Robson e Louis Van Gaal, a André Chin, a quem Mourinho, em tempos, deu aulas numa escola em Setúbal – ter dito mal dele. Provavelmente, ele mandou matar todos os seus inimigos.

Agora a sério: o homem do Chelsea Football Club que me disse que o Mourinho “não gosta que escrevam livros sobre ele sem o seu consentimento” poderia ter – e espero que o tenha feito – tranquilizado o grande homem. Sempre pretendi fazer um estudo sério sobre um treinador de futebol e estou profundamente reconhecido àquelas figuras importantes do meio que, compreendendo o meu objectivo, me dispensaram tempo e conhecimento de causa de forma tão generosa. Além de Robson e de Van Gaal, foi o caso de Gérard Houllier, de David Moyes e do contagiadamente entusiástico e profundamente influente Andy Roxburgh.

Foi uma grande satisfação poder obter os pensamentos de Desmond Morris – fascinantes, como sempre – e

ficar a saber pelo meu velho amigo Ian Ross que até um cínico inveterado pode sucumbir ao encanto de Mourinho. Material de grande valor sobre o passado do homem em causa e os seus hábitos foi retirado de *José Mourinho: Made in Portugal* (Dewi Lewis Media, 2004), que ele escreveu com Luís Lourenço¹. Frank Clark forneceu-me uma perspectiva de enquadramento dos factos e Mick Martin, Ross Mathie, Tosh McKinlay e Gary Bolland várias recordações de factos passados. Devo também agradecimentos a André Chin, a Ian Aitken e a várias pessoas que não podem ser identificadas porque poderiam ter problemas com Mourinho; ao Paulo Anunciação e à Christina Lamb; ao David Luxton, da empresa Luxton Harris, que me conduziu à ideia inicial; ao Ian Marshall, ao Ian Preece e ao Mark Rusher, pela sua sensibilidade na revisão editorial do texto; e a alguém muito especial, Lauren Clark, pela sua paciência e aconselhamento.

Enquanto estava a escrever o livro, perguntaram-me muitas vezes se Mourinho tinha colaborado – acho que as pessoas queriam saber como ele é de perto –, mas eu nunca pretendi que isso acontecesse. Por duas razões. Principalmente porque os editores deste livro pretendiam que as minhas mãos permanecessem livres para escrever como lhes aprouvesse. Mas também porque eu não queria repartir o dinheiro com ninguém.

Patrick Barclay
Agosto de 2005

¹ A edição original portuguesa deste livro tem o título José Mourinho (N. do T.).

PRIMEIRA PARTE

Bem-vindo à Inglaterra

Ele faz o que diz na lata

Era o final de 2004, o ano em que o futebol inglês tinha encontrado o seu mais surpreendente treinador desde o primeiro fulgor de Brian Clough².

À medida que o Natal se aproximava e as pessoas nas ruas de Londres se mantinham, apenas por mais alguns dias, na feliz ignorância da palavra *tsunami*, um casal que vivia num dos mais prósperos e chiques bairros da capital decidiu levar os seus dois filhos a patinar no gelo. Todos os anos se faz um rink de patinagem numa pequena praça formada por lojas perto da King's Road e enquanto pode ocorrer a determinado tipo de mentalidades observar que a atmosfera de felicidade familiar é boa para o negócio, mesmo esses cínicos veriam esses pensamentos ser desmentidos pelas expressões de grandes e pequenos. Porque as multidões dos dias que antecedem o Natal exibem uma reconfortante leveza de coração. As nozes e as laranjas de outrora podem ter dado lugar a brinquedos tecnológicos entre os presentes oferecidos em consequência da generosidade da quadra, mas o espírito tradicional sobrevive e, libertadas por ele, as pessoas reencontram-se com os

² – Mítico treinador inglês (1935-2004), genial e excêntrico. Entre outros clubes, treinou o Nottingham Forest, de 1975 a 1993 (N. do T.).

seus melhores instintos, sorrindo para estranhos ou pedindo desculpa, quando, noutras condições, mostrariam cara de poucos amigos.

Cada um deles dando a mão a um dos filhos, passaram entre as pessoas que faziam compras, indo até à margem da pista do gelo, onde ajudaram a rapariga e o rapaz – ela aparentava nove anos de idade, ele à volta de cinco – a calçar os patins. Mesmo fortemente agasalhado contra o frio, o pai atraía alguns olhares dos que o reconheciam, mas muitas pessoas famosas, entre os quais futebolistas, disseram frequentemente que uma das vantagens de estar em Londres é não se ser perseguido nas ruas e poder levar uma vida relativamente normal (pelo menos tão normal como a maioria deles gostaria que fosse), e esse respeito foi-lhe concedido. Um admirador tirou-lhe uma fotografia a uma distância tal que ele não poderia ter notado. A única pessoa que se aproximou de José Mourinho foi um jornalista desportivo português residente em Londres que o conhecia vagamente e que, depois de lhe ter desejado e à sua família um feliz Natal, voltou para o lugar onde estava, para dar atenção à sua mulher e ao seu filho pequeno.

Mourinho encostou-se a um muro, vendo os seus filhos entrar no ringue, ela mais confiante e ele menos. Quando os perdia de vista, Mourinho saía do sítio onde estava para os vigiar e quando voltava para o lado da sua mulher, beijava-a. Frequentemente chamava pelos filhos, encorajando-os e, através de sinais, dando sugestões sobre como poderiam aperfeiçoar a técnica. De vez em quando, tal como a maioria das outras crianças, eles caíam e, numa das vezes, o rapaz teve dificuldade

em levantar-se do gelo. Imediatamente Mourinho estava ao lado dele, não para lhe dar a mão, mas para lhe mostrar a melhor maneira de se levantar. Esperava enquanto o rapaz seguia os seus conselhos, sorrindo pacientemente, sem o apressar. E lá ia ele de novo, mas com mais confiança. Qualquer pessoa que tivesse presenciado o incidente teria formado a opinião de que Mourinho é um bom pai. O que, por sua vez, dá uma pista sobre como ele teve um impacte tão extraordinário no futebol. Porque, ao mais alto nível da direcção técnica desportiva de hoje em dia – e, daqui em diante, passarei a seguir a maioria dos países do Mundo e a referir-me à actividade profissional de Mourinho como sendo a de treinador –, os bons pais sucederam aos padrinhos de antigamente.

“Eu gosto do ar do Mourinho”, disse Clough, pouco antes de falecer, em Setembro desse ano. “Há nele um pouco de Clough quando era novo. Em primeiro lugar, é bem-parecido...” O que realmente Clough tinha sido, nos seus primeiros tempos em Derby, antes de os copos terem começado a embotar as suas feições bem definidas e a tingir a pele do seu rosto. Mas os tempos mudaram e já não se pode mandar num jogador tão facilmente como Clough mandava, ou utilizar o isolamento em relação aos colegas como medida disciplinar, mandando uma estrela treinar-se com a equipa dos juniores, como ele fez uma vez. A maioria dos treinadores tem de aceitar o facto de que Sir Alex Ferguson, que pode lançar mão repentinamente de uma chuteira perdida no balneário e mandá-la pelo ar, pondo a sobrelha de David Beckham, normalmente arranjada por esteticistas

profissionais, a sangrar – e prosseguir, com total impunidade, com a venda do capitão da selecção inglesa ao Real Madrid –, representa o fim de uma época. Uma a uma, culminando no caso no Tribunal Europeu ganho por Jean-Marc Bosman em Dezembro de 1995, que permitiu aos jogadores transferir-se livremente no fim dos seus contratos sem que o novo clube tenha de pagar nada pela transferência, as restrições à individualidade dos jogadores têm sido retiradas.

Pretender que Ferguson e os seus antecessores no cenário inglês – tais como Sir Matt Busby, no Manchester United, Bill Shankly e Bob Paisley, no Liverpool, Don Revie, no Leeds, Bill Nicholson, no Tottenham, e mesmo Clough, no Derby e no Nottingham Forest – foram meros sargentos autoritários seria tão errado como sugerir que Mourinho e Arsène Wenger, os mais bem sucedidos expoentes do estilo moderno de treinar em Inglaterra, têm sido uns moles complacentes. Seria também uma injustiça à natureza multidimensional do cargo. Aimé Jacquet, que treinou a França e a levou à vitória no Campeonato do Mundo de 1998, abordou isso quando disse: “Hoje em dia, as crianças são mais curiosas e ousadas. É por isso que temos de formar treinadores para ensinar aos jovens não só o que acontece no relvado, mas também psicologia, fisiologia, [regras sobre] drogas e *doping* e educação cívica. O treinador do futuro terá de ser, em momentos diferentes, um professor, um companheiro, um pai, um amigo, etc. Não será suficiente impor apenas a autoridade. Precisar-se-á, acima de tudo, da capacidade de ouvir e de passar uma mensagem. Tem de ser credível e capaz de defender os seus valores”.

Pode pensar-se que estas palavras são uma descrição razoável do papel de um treinador actual de juniores, não podendo ser aplicadas àqueles que estão encarregados de conduzir os aristocratas do futebol moderno que ganham a sua vida com Mourinho no Chelsea. Até que nos lembremos de que, durante os primeiros meses à frente do plantel dispendiosamente constituído, ele teve de lidar com a confusão causada pelo problema de consumo de cocaína do atacante romeno Adrian Mutu. A certa altura, Mourinho acabou por perder a paciência. Mutu foi examinado pelo clube, despedido, denunciado publicamente e coberto de vergonha e, depois de algum tempo “na prateleira”, regressou a Itália, de onde tinha vindo com intenções de conseguir melhorar por si mesmo. A mensagem foi clara: façam o Mourinho zangar-se, abusem da amizade deste companheiro, e o único caminho é a saída. O treinador moderno tem de achar um equilíbrio entre ser forte e ser sensível. Mourinho consegue ter as duas atitudes com todos os seus homens. Isto é parte da razão de ele ser – nas suas próprias palavras – especial.

Mas deveria ele tê-lo dito? Deveria ele ter entrado de repente na Inglaterra e inspirado um título de primeira página clássico do *Sun* – “The Ego Has Landed” (“O Ego Aterrou”³) – ao dizer à imprensa que o Chelsea podia ser campeão porque tinha jogadores fantásticos e “alguém especial” como treinador? As suas próprias

³ – “The Ego Has Landed” é um trocadilho com “The Eagle has landed”, frase do astronauta Neil Armstrong depois de o módulo da Apollo 11 ter pousado na Lua, pela primeira vez, em Julho de 1969 (N. do T.).

justificações, dadas no fim da época numa entrevista da BBC feita por Gary Lineker, foram de que ele se tinha encontrado de repente num ambiente estranho, sendo bombardeado com perguntas feitas por pessoas que pareciam estar ansiosas por ver as suas “credenciais”. Seja como for, o que ele disse foi mais uma constatação do que uma aspiração pomposa; não há muitos treinadores que ganharam a Taça UEFA e a Liga dos Campeões nas primeiras duas épocas completas à frente de um clube, limpando um par de campeonatos nacionais e uma Taça de Portugal pelo caminho, mas tinha sido exactamente isso que Mourinho tinha conseguido com o FC Porto no seu país natal.

A culminar todas estas conquistas com o clube da cidade à beira-Douro impregnada de futebol, sentado a uma longa mesa no centro de imprensa do estádio de Gelsenkirchen, na Alemanha, onde foi ganha a final da Liga dos Campeões, ele falou da sua necessidade de enfrentar um desafio diferente. Falou com ambição e, de uma forma esmagadora, falou de si próprio, e foi talvez por isso que eu, juntamente com outros jornalistas em Inglaterra, antipatizei com ele. Não era questão de minimizar os seus êxitos, mas a história do futebol estava cheia de exemplos de sucessos devidos a um entrosamento singular – Arrigo Sacchi desenvolveu a fórmula para um Milan espectacular, mas não conseguiu nada semelhante depois disso – e parecia que esse tal Mourinho estava mesmo a desafiar a sorte. A imprensa não esteve sozinha a pensar se aquela exibição de orgulho dele não seria o prenúncio da queda. Os treinadores que estavam à espera de poder medir forças com ele na

Premier League também sentiram isso. Um dos mais brilhantes, David Moyes, que viria também a beneficiar de uma excelente época quando o Everton se classificou para a Liga dos Campeões ao terminar em quarto lugar, lembra-se de saborear a antevisão do momento em que Mourinho acabaria por receber a paga. “O primeiro pensamento”, disse-me Moyes alguns meses depois, com um sorriso e um suspiro, “era de que não era possível exibir aquele tipo de arrogância neste país e ficar impune. Acho que havia vários na bicha à espera de poder dar-lhe um soco”.

Nós, os espectadores profissionais, não hesitávamos em divertir-nos com ele. O seu egocentrismo era tal (escrevi eu) que se coadunaria perfeitamente com a Londres actual. Imaginava-o a abrir alas entre o trânsito dentro de um imponente todo-o-terreno com vidros fumados que, ao parar e ao ocupar cuidadosamente dois lugares de estacionamento para reduzir o risco de ficar arranhado por outros veículos, se abria para deixar sair um indivíduo insinuante e autoconfiante, fato miraculosamente sem rugas e fio do auricular de um telemóvel pendendo de uma orelha, enquanto fornecia os pormenores do treino do dia seguinte a um adjunto distante.

Bom, eu não sabia que ele era amável e atencioso com os filhos, pois não? Eu não sabia que ele seria capaz de fazer carícias “nariz com nariz” à sua mulher, encostado ao muro do ringue de patinagem, quando ninguém estivesse a olhar. Eu não sabia que ele trataria os jogadores com tanta sensibilidade e que até cativaria a imprensa. Eu não sabia que o país acabaria por

gostar tanto de Mourinho que, por ocasião do Natal de 2004, podia comprovar-se que ele era a mais admirada figura do futebol tanto entre pessoas desportivamente imparciais como entre os adeptos do seu clube: um lugar que tinha ficado vago porque o Newcastle tinha entendido por bem separar-se de Sir Bobby Robson, o antigo chefe e guia de Mourinho.

Muito longe de desafiar a sorte com o seu enorme amor-próprio, Mourinho tinha tomado o destino nas suas mãos e, tal como em Portugal, moldou-o à sua medida. Penso que foi essa a principal razão que nos levou a simpatizar com ele: pegando na brilhante simplicidade daqueles anúncios de televisão da marca Ronseal, uma linha de produtos que incluía vernizes e corantes para madeira, ele faz o que diz na lata. Em Inglaterra, habituámo-nos a uma cultura de ineficiência ou, para utilizar uma expressão preferida pela gente do futebol, de desleixo. Quando um comboio chega a horas, ficamos pateticamente agradecidos. Quando chegamos a casa com um saco de laranjas, cortamos a rede de plástico e vemos que não há nenhuma podre, quase choramos de alegria. As coisas normalmente correm mal, às vezes mesmo muito mal. Tremendamente mal. Na altura da chegada de Mourinho, qualquer pessoa que saísse de um hospital sem estar pior do que quando tinha entrado era logo classificada como tendo poderes sobrenaturais. Mas havia mais causas para alarme. Desencadeou-se uma guerra com base em informações dos serviços secretos que não foram analisadas com a atenção e o cuidado devidos. Por isso não foi nada de estranhar que, na

campanha para as eleições gerais de Maio de 2005, o tema em debate mais importante não foi a saúde ou a educação ou a segurança, mas a capacidade de qualquer dos partidos concorrentes fazer alguma promessa, qualquer que ela fosse, uma vez que já não havia confiança em quase nada. Para muita gente, a vida quotidiana em Inglaterra tinha-se tornado uma questão de fé e de esperança em melhores dias.

Mesmo no futebol, uma actividade rara no sentido de que ainda inspirava, pouco realisticamente, grandes expectativas, era como se os direitos dos consumidores não fossem respeitados e não se pudesse esperar que um artigo comprado fosse entregue no mesmo dia: os pobres diabos dos adeptos do Manchester United e do Arsenal, os clubes que tinham demonstrado uma clara superioridade sobre todos os outros desde que foi formada em 1992 a *Premier League* (ou a divisão cimeira da velha Liga de Futebol aligeirada e rebaptizada, como alguns de nós ainda teimam em considerá-la), tinham de partilhar o inebriante néctar da supremacia. Vivia-se uma era cruel no futebol. A linguagem utilizada pelos espectadores ou ouvintes nos telefonemas de opinião transmitidos em directo tornou-se prevalecente. Treinadores de clubes que iam de Tyneside à costa sul perderam alguns jogos seguidos e foram invectivados por terem perdido muito mais do que isso: tinham perdido o tino. À frente de estádios cheios, a maioria das equipas exibia “sub-rendimento”. O Leeds United e outros acumulavam grandes dívidas “correndo atrás do sonho”, espicaçados por adeptos que, quando o sonho acabava

por se tornar num pesadelo financeiro, imediatamente acusavam as direcções de estar a seguir uma orientação extravagante e inconsciente.

O Chelsea estava entre aqueles que viviam acima dos seus meios nos primeiros anos do século XXI. Até uma pequena parte das riquezas acumuladas por Roman Abramovich – através da vergonhosa venda tipo feira da ladra do petróleo e do gás do povo russo, não nos esqueçamos – ser aplicada a uma fraca causa: a salvação de um clube de futebol. Ainda para mais, de um clube que tinha ficado à beira da ruína sob a orientação de Ken Bates. Para fazer justiça a Bates, essa era a situação em que ele tinha encontrado o Chelsea quando para lá foi, e deixou-o muito melhor do que estava um quarto de século antes, quando conseguiu comprá-lo por uma libra esterlina. Mas a chegada de Abramovich tornou-o no homem mais feliz do mundo do futebol e, tendo arrecadado quase 20 milhões de libras esterlinas⁴ que o russo lhe deu pelas acções que detinha no clube e tendo tentado instalar-se em Monte Carlo, rapidamente se aborreceu e regressou a Inglaterra para aplicar as suas capacidades únicas nos então perseguidores de sonhos do Leeds.

Julgando pelas aparências, o Chelsea foi ainda mais feliz: foi retirado das garras da falência e transformado da noite para o dia no clube mais rico do Mundo. Enquanto Claudio Ranieri permaneceu como treinador por mais um ano, agarrando-se à sua dignidade com

⁴ – 20 milhões de libras correspondem a quase 29 milhões euros (1 libra equivale a cerca de 1,45 euros) (N. do T.).

uma mão e a uma posição negociável com a outra, Peter Kenyon, o director executivo que Abramovich tinha persuadido a sair do Manchester United, aproximou-se do treinador da selecção inglesa, começando pelo que podemos presumir que ele confundiu – tal como um montanhista inexperiente – com o cume da profissão. Afinal, era só um planalto. Kenyon também teve um golpe de sorte, pois, naquela altura, quando Sven-Göran Eriksson foi encontrar-se com ele no seu apartamento em Londres, a objectiva indiscreta de um fotógrafo de jornal estava apontada às cortinas semi-transparentes. Uma vez que Kenyon e Eriksson tinham sido apanhados juntos, restava uma obrigação à Federação de Futebol. Ou era isso, pelo menos, que muitos pensavam. Mas, em vez de comunicar ao país que não podiam impedir o sueco de seguir o seu caminho, deram um abraço e um aumento de ordenado a Eriksson, e Kenyon teve de ir procurar treinador a outro lado.

Dessa vez, procurou no sítio certo: a Liga dos Campeões, onde Mourinho, de 41 anos de idade, e o ainda mais novo Didier Deschamps, cujo Mónaco viria a afastar o Chelsea da competição na semifinal, estavam a operar maravilhas dispondo de recursos limitados. Ele decidiu-se por Mourinho, que, dali em diante, começou a operar maravilhas dispondo de recursos ilimitados. Primeiro Mourinho descreveu o que seria um bom jogo. Depois o seu Chelsea conseguiu concretizá-lo no campo. A sua promessa implícita de dar aos adeptos mundos e fundos estava prestes a ser cumprida. Tal como tinha acontecido no FC Porto. Estava a fazer o que dizia na lata onde estava escrito “especial”.

Por que outras razões gostávamos dele enquanto fazíamos compras para o Natal de 2004? Muitos adeptos do Arsenal achavam que tinham razões para lhe agradecer porque ele continuava a pregar partidas a Sir Alex Ferguson. Ao mesmo tempo, havia adeptos do Manchester United que simplesmente gostavam do facto de ele não ser Arsène Wenger. Os outros agradeciam-lhe o ser um elemento perturbador do não muito agradável duopólio que tinha regido o futebol inglês nos últimos doze anos, quase ininterruptamente. Achavam que ele podia apimentar os chamados jogos mentais entre Ferguson e Wenger, que estavam a tornar-se aborrecidos, de uma forma a que todos os espectadores de telenovelas estão habituados. Havia outros factores que contribuíam para a sua popularidade, incluindo a sua aparência – muita gente tem um sorriso simpático, e o de Mourinho faria derreter gelo, mas até o seu olhar carrancudo é simpático – e aquela qualidade indefinível que inspira curiosidade. Bem, eu lembro-me de pessoas a perguntar no Natal: será que um homem tão bem-posto não se barbeia antes de ser entrevistado pela televisão depois dos desafios? Porque é que ele deixa a gravata ligeiramente desapertada?

Chega de bisbilhotices de uma época obcecada por celebridades. Mourinho também estava a desarmar os seus colegas treinadores, as faces visíveis da instituição futebolística inglesa, que lhe tinham chamado arrogante quando ele chegou, mas que agora faziam um sorriso amarelo sempre que se mencionava o nome dele e falavam com uma afeição raramente reservada aos ridiculamente favorecidos. “O clube dele melhorou tanto tão de-

pressa”, disse David Moyes, “que temos que admirá-lo. Ele instilou tanta confiança e tanta crença na equipa. E, apesar de ser mais fácil fazê-lo quando se tem jogadores excelentes, ele fez o mesmo no Porto. Portanto, podia-se ver que ele tinha ganho os seus galões, tinha passado pelas fileiras e merecia estar neste lugar cimeiro”. Por todo o país, treinadores ficavam entusiasmados com Mourinho, se bem que com um ar ligeiramente confuso; salientavam aspectos dos métodos dele ao mesmo tempo que admitiam que o conjunto desafiava qualquer tipo de análise porque ele continuava a acertar em tanta coisa e a falhar em tão pouca. Até Ferguson e Wenger tinham as suas fraquezas recorrentes: nenhum deles, para utilizar um exemplo simples, parecia capaz de distinguir um guarda-redes de primeira classe de uma sande mista. Mourinho, depois de ter ressuscitado a carreira de Vítor Baía no FC Porto, chegou ao Chelsea ao mesmo tempo que o melhor guarda-redes do Campeonato Europeu, Petr Cech, e, depois de inicialmente ter decidido começar a época com o homem que detinha aquela posição na equipa, Carlo Cudicini, mudou de ideias perante a evidência do rendimento da pré-época e promoveu o recém-chegado; pouco tempo depois, Cech viria a estabelecer uma marca inédita, ao estar 1025 minutos sem sofrer golos.

Por baixo de tudo isto, estávamos ainda todos à espera de que Mourinho tropeçasse. Não maliciosamente, mas por curiosidade. Para ver se a lata se rompia. Para descobrir o que estava lá dentro.